

OS SENTIDOS DO MAL-ESTAR ESTUDANTIL EM *O BONDE* (1945-1951) E AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NOS MODOS DE NARRAR O SOFRIMENTO

*Henrique Mazetti*¹

*Ana Kei Ouserá*²

*Julia Lourenço*³

Resumo

Discussões sobre saúde mental na universidade ganharam visibilidade nos últimos anos. Neste artigo, abordamos o tema a partir de uma perspectiva histórica, baseada na análise dos textos publicados no jornal estudantil *O Bonde*, produzido por alunos da Escola Superior de Agronomia e Veterinária (ESAV) – Viçosa, MG. Textos retirados de 106 edições do jornal, veiculadas entre 1945 e 1951, foram selecionados e analisados, a partir de uma grade de análise que visava a identificar quais mal-estares eram relatados pelos estudantes, como eles eram narrados e a quem se atribuía a causa do mal-estar. A interpretação dos textos se apoiou em trabalhos que abordam o sofrimento e as emoções por um viés cultural e histórico. Foi possível observar que as insatisfações dos estudantes da época não eram marcadas pela medicalização.

Palavras-chave: *Jornal estudantil; Sofrimento; Universidade; Emoções; Medicalização.*

INTRODUÇÃO

“Se ia faltar luz à noite, que estudassem durante o dia! (...) Mas quando, e como? Nos escassos 60 minutos que temos de folga após o almoço ou depois das 4 quando temos hora e meia que dedicamos ao merecido descanso?”. As palavras que poderiam estar na *timeline* do perfil de rede social de um estafado estudante dos dias atuais, estampam, na

¹ Doutor pela ECO/UFRJ. Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e bolsista PIBIC/CNPq.

³ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

verdade, as páginas da edição 53 do jornal *O Bonde*, produzido por alunos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV)⁴, em 1947. Neste artigo, analisamos textos publicados no jornal estudantil para observar de que modos os sofrimentos dos estudantes da época eram narrados e descritos, com a intenção de obter uma perspectiva histórica que permita refletirmos sobre as singularidades de um tema importante para o tempo presente.

O debate sobre a questão da saúde mental na universidade ganhou intensa projeção nos últimos anos, por meio de reportagens jornalísticas (MAZETTI, 2020) ou demandas dos estudantes articuladas nos espaços de conversação on-line (MAZETTI, 2019). Este artigo parte da premissa de que as maneiras como o mal-estar é codificado são historicamente determinadas. Analisar um jornal estudantil com o intuito de identificar como os sofrimentos dos estudantes são apresentados supõe entender que a maneira de pensar, representar, e por consequência, experimentar o mal-estar não são universais e constantes. Pelo contrário, de acordo com considerações de diversos autores que se debruçam sobre as mudanças do sofrimento ao longo do tempo (SANT'ANNA, 2013; SIBILIA, 2016; REZENDE E COELHO, 2010; VAZ, 2014; VAZ E RONY, 2011), o que é considerado sofrimento, as dinâmicas de atribuição de culpa pelo mal-estar e as causas do sofrer consideradas legítimas variam de acordo com mudanças sociais e econômicas e são atravessadas por dinâmicas de poder e disputa política nem sempre visíveis.

Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa exploratória⁵, em que textos das primeiras 106 edições de *O Bonde*, publicadas no período de 1945 a 1951, foram coletados, categorizados e, posteriormente interpretados com a ajuda de considerações teóricas oriundas do campo da comunicação e, também, da história e da antropologia das emoções (SANT'ANNA, 2013; REZENDE E COELHO, 2010; REDDY, 2001; ILLOUZ, 2003). Interrogamos os textos principalmente a partir de perguntas como: Quais são as causas ou motivações das narrativas de mal-estar? Quem faz os esavianos⁶ sofrerem? O que caracteriza o sofrimento dos estudantes da época? Quais são estratégias discursivas utilizadas para a construção das narrativas de sofrimento?

A análise realizada permitiu identificar que o sofrimento estudantil descrito no jornal *O Bonde* é codificado de maneiras específicas, que destoam dos discursos sobre

⁴ A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), localizada no interior de Minas Gerais, se transformaria na Universidade Federal de Viçosa, em 1969.

⁵ O projeto de pesquisa no qual este artigo foi produzido conta com apoio de uma bolsa de iniciação científica do CNPq.

⁶ Os estudantes da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) eram chamados de esavianos.

saúde mental dos dias atuais. Prevalece nos textos do jornal a concepção de que nem todos os tipos de mal-estar são evitáveis, os sofrimentos resultantes da experiência estudantil raramente são capazes de ultrapassar a esfera pedagógica ou do convívio cotidiano para se tornarem questões existenciais. Além disso, não há, em momento algum do período analisado, a associação entre mal-estar estudantil e doença mental.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para contrapor o modo como as emoções são pensadas no senso comum em um contexto restrito da psicobiologia e como a antropologia desenvolve um modo mais nuançado de pensar as emoções, Rezende e Coelho (2010) explicam como um dos pressupostos da etnopsicologia ocidental moderna é a oposição entre corpo e mente. A partir desse ponto de vista, as emoções seriam reflexos do funcionamento corporal do indivíduo. A questão hormonal serviria de exemplo: por causa da testosterona, homens seriam mais agressivos e, também devido aos hormônios, mulheres sofreriam diversas mudanças emocionais repentinas.

Ainda segundo Rezende e Coelho (2010), a crença de que há uma unidade psíquica entre as pessoas é amplamente difundida. As emoções são entendidas, portanto, como universais, mas também, por serem fenômenos corporais, são consideradas qualidades essenciais e interiorizadas do ser humano, alheias a fatores sociais externos. Dessa maneira, é possível perceber um embate entre a ideia de emoção ligada à natureza do ser e a noção de que as emoções poderiam sofrer alterações dependendo do meio social e cultural do indivíduo, perspectiva desenvolvida nas últimas décadas nos campos da antropologia, da sociologia e da história (PLAMPER, 2020). No senso comum resultante da prevalência dos discursos médicos e psicológicos a respeito das emoções, o contexto social seria capaz de influenciar apenas a sua performance.

Ao discorrer sobre o modo como as emoções são pensadas na cultura ocidental contemporânea, as autoras sugerem que:

(...) embora nessa etnopsicologia as emoções tenham uma dimensão psicobiológica, admite-se que a sociedade influencie o modo de expressar os sentimentos. Assim, reconhece-se a existência de regras de expressão que afetam a manifestação dos sentimentos não apenas de acordo com os contextos sociais, como também entre sociedades diferentes (REZENDE; COELHO, 2010, p. 25).

Em contraposição a esse sentido mais restrito das emoções como fenômenos individuais, involuntários, instintivos e universais, diferentes autores demonstram como as

emoções se transformam ao longo do tempo e em diferentes contextos, não só no modo como são manifestadas, mas na própria maneira como são compreendidas e experimentadas. No livro *The navigation of feeling. A framework for the history of emotions*, de 2001, o historiador William Reddy cunha o termo “regimes emocionais”, um exemplo de ferramenta conceitual que procura descrever como as emoções extrapolam a dimensão individual e subjetiva e ganham contornos culturais. Sant’Anna (2013) explica que, para o historiador, a base das normas de uma época reuniria “regimes emocionais” e “regimes políticos”. Ou seja, as emoções seriam compreendidas de maneiras diferentes em épocas diferentes.

Para Reddy, há ‘regimes emocionais’ que podem coincidir com regimes políticos e estarem na base das normas de uma época. Desse modo, diferentes tipos de tristeza poderiam ser considerados uma parte constituinte do regime emocional do século XX e, principalmente depois de 1950, a patologia da depressão tenderia a caracterizar o perfil daquele regime e determinar suas formas de tratamento (SANT’ANNA, 2013, p.107).

A noção de “regimes emocionais” ilustra o que está em jogo quando o quadro interpretativo psicobiológico é contraposto a concepções das emoções como socialmente constituídas: ao transformar as emoções em naturais, ocultam-se as formas como elas podem ser usadas para disseminar, justificar e enrijecer hierarquias de poder. Tomemos um dos primeiros exemplos citados nesta seção: ao conceber a mulher como naturalmente propensa a mudanças repentinas de humor devido aos seus hormônios, fundamentam-se as justificativas de que certas práticas e espaços não deveriam estar disponíveis para as mulheres. As emoções, portanto, como observam Rezende e Coelho (2010) são inextricáveis de uma micropolítica que modela expectativas sociais, condutas pessoais e coletivas e experiências de si.

Sendo assim, o sofrimento, e mais especificamente a forma de narrá-lo, ganha diferentes roupagens ao longo do tempo. Vaz (2014) e Vaz e Rony (2011) identificam dois regimes que produzem políticas do sofrimento distintas, a concepção moderna e o regime contemporâneo do sofrimento. As políticas de sofrimento tipicamente modernas são vinculadas à passagem da piedade para a compaixão, movimento que se iniciou na Revolução Francesa, segundo Vaz e Rony:

Em primeiro lugar, pela própria declaração dos direitos humanos, a regra moral está universalizada, desfazendo, portanto, os limites da estrutura de solidariedade comunitária ordenada pela separação entre “nós” e “eles”, onde há definições culturais precisas para quem deve ajudar e quem merece ser ajudado. Pela

universalização, todos devem ajudar a qualquer um. Em segundo lugar, o sofrimento de estranhos é uma questão de política, no sentido de ser pensado como uma condição que está articulada a características da sociedade. Pelo mero fato de haver revolução, esse sofrimento é evitável; acredita-se que é possível mudar as condições sociais que produziram aquele sofrimento e, assim, reduzi-lo ou eliminá-lo (VAZ; RONY, 2011, p. 218).

Essa política se baseia na ordem coletiva, despersonalizando quem sofre, uma vez que “os acontecimentos de sua vida só importam na medida em que são representativos de uma condição partilhada por muitos” (VAZ; RONY, 2011, p. 219).

A segunda política de sofrimento é a contemporânea e que permeia nossas instituições, a “política da vítima”, que emerge na metade do século XX, principalmente pela necessidade de reconhecer politicamente o sofrimento do outro. Em um contexto de Holocausto, por exemplo, existia a necessidade de ouvir a vítima em detrimento a documentação oficial e pontuar dois valores: a inocência da vítima e o sofrimento como uma condição que não pertence ao mundo. Nessa política, as vivências individuais são validadas por si só. A tragédia irrompe no cotidiano e a ênfase está no sentimento do sofredor. Em suma, “todo sofrimento pode ser grave; (...) todo sofrimento pode ser imerecido, pois as vítimas talvez sejam culpadas apenas sob o olhar de preconceituosos; (...) qualquer indivíduo feliz pode subitamente tornar-se uma vítima” (VAZ, 2014, p. 20).

Percebemos, então, que a questão dos mal-estares não é estática, mas sofreu diversas alterações ao longo do tempo. Segundo Sant’Anna (2013) houve, durante muito tempo, diversas formas de sofrimento que não foram ligadas à saúde. Existiam, sim, sofrimentos psíquicos considerados patológicos, mas muitos deles estavam relacionados ao estado de alma e à personalidade do sofredor. Além disso, alguns sofrimentos eram considerados também típicos de certas fases da vida.

METODOLOGIA

A escolha de *O Bonde* se justifica na medida em que os relatos estudantis presentes no jornal permitiam o acesso a testemunhos e narrativas de situações e experiências cotidianas dos alunos da instituição. Dado que a pesquisa é realizada na UFV, o vínculo da publicação com a instituição também influenciou o processo de escolha do objeto de

estudo. Além disso, todas as suas edições estão digitalizadas⁷, o que facilitou o acesso às fontes primárias da pesquisa.

O recorte temporal para a pesquisa (de 1945, ano de fundação do periódico, até 1951) foi escolhido, inicialmente, pela distância temporal em relação ao presente. Cento e seis edições foram analisadas, número definido apenas após o início da análise, quando sinais de saturação dos dados obtidos começaram a ser observados. Cada edição foi lida em sua totalidade de forma exploratória para a identificação de textos que abordassem a temática do sofrimento. Os relatos selecionados foram agrupados e submetidos a uma grade de análise que continha: a) elementos de identificação do texto: título, autoria, edição e data da publicação em que o texto foi encontrado e um *print* da página; b) elementos textuais para análise: marcas que permitiam identificar que o texto abordava a questão do sofrimento e três perguntas construídas em diálogo com o referencial teórico: quem sofre, quem faz sofrer e como o sofrimento é narrado.

Após a tabulação dos dados, que permitiu uma primeira análise mais ampla do material coletado, foram identificadas categorias que possibilitaram agrupar padrões discursivos e temáticos encontrados nos textos. As categorias observadas foram: mal-estar em relação à saúde; mal-estar em relação à política; mal-estar em relação às queixas estudantis; mal-estar em relação à disputa de valores; mal-estar em relação às diferenças entre esperança e ansiedade; mal-estar em relação à expressão de emoções. Para este artigo, apresentamos apenas os resultados de análise de algumas das categorias encontradas e agrupamos outras, devido ao limite de espaço. A seção a seguir apresenta os resultados desse processo de análise.

ANÁLISE

Para apresentar os modos como os estudantes narravam o sofrimento em *O Bonde*, a seção de análise foi dividida em dois momentos: uma análise dos mal-estares expressados em relação aos professores e à instituição e queixas sobre a rotina e a administração do tempo.

⁷ Disponível em: <<http://atom.ufv.br/index.php/o-bonde>>. Acesso em: 21 Mai. 2021.

Mal-estar em relação aos professores e à instituição

Uma forma de selecionar os trechos das matérias de *O Bonde* que apresentavam algum tipo de mal-estar foi percebendo a relação existente entre alunos, professores e a própria instituição da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Demandas exageradas de trabalho vinda dos professores, falta de interação social com estes fora do âmbito acadêmico, pouco descanso, reivindicações estudantis silenciadas pelo corpo docente e pela instituição e a precariedade do refeitório são temas que aparecem com mais frequência no periódico. Entretanto, não encontramos textos que façam associação de sofrimento com saúde ou patologia nas páginas de *O Bonde*. Isso porque, segundo Sant’Anna (2013), a depressão, ainda que seja uma experiência antiga, foi tratada de maneiras diversas com o passar dos séculos e em diferentes contextos culturais. Temas relacionados à saúde mental e depressão só ganharam espaço nos meios de comunicação e na academia a partir dos anos 1970.

Um dos problemas mais citados no jornal era o volume exagerado de trabalhos, provas e compromissos cobrados dos esavianos. Em *A Linha do Sabão* (edição n.º 53, 1947), o autor conta que houve uma prova surpresa, causando revolta geral. A insatisfação foi decorrente do fato que no dia anterior à prova ocorreu um blecaute que durou o dia inteiro, o que fez com que os alunos não esperassem por uma prova no dia seguinte.

Se ia faltar luz à noite, que estudassem durante o dia! E nós respondemos uníssonos: Mas quando, e como? Nos escassos 60 minutos que temos de folga após o almoço ou depois das 4 quando temos hora e meia que dedicamos ao merecido descanso ao corpo fatigado por um dia inteiro de aulas? Não, e mesmo que o fizéssemos, 90 minutos seriam insuficientes para revermos a matéria de pelo menos seis disciplinas.

Outra fonte de mal-estar identificada em *O Bonde* diz respeito à forma de lecionar de alguns professores. Em *Sabugo* (edição n.º 6, 1948), o autor cita alguns tipos de professores que lecionavam na ESAV. Os que animam os alunos e sabem levar a aula de forma empolgada e até hipnotizante (estes o autor parabeniza), o “professor antípoda, que ou pode não ter muita experiência e não faz uso de nem um pouco de psicologia para lecionar, ou apenas não se interessa por lecionar, fazendo com que o momento da aula seja infernal”. Outro tipo de professor descrito era o “papagaio”, que falava sem parar, fazendo com que os alunos dormissem ou perdessem uma aula potencialmente interessante. Curiosamente, porém, a falta de didática dos professores nem sempre resultava em uma

direta crítica ao corpo docente: “Estas aulas tornam-se insípidas, não por culpa dos mestres, alunos ou horário, mas sim por uma circunstância imparcial, diversa para cada professor e cada aluno”.

Mesmo que o texto seja recheado de críticas aos professores, o autor prefere não culpar explicitamente ninguém, nem alunos, nem docentes, nem horários. Ainda que o mal-estar seja explicitado, suas causas permanecem ocultas, seus responsáveis não são identificados. Destaca-se, contudo, que as dificuldades didáticas dos professores não atingiam os discentes de forma interior, existencial e psíquica. O mal-estar nesse caso é codificado de maneira externa. São os estudantes que sofrem, mas por culpa de uma incompetência didática não questionada abertamente. A forma como o sofrimento é narrado - fazendo brincadeiras, piadas e principalmente, não elegendo um culpado - evidencia que trata-se de um mal-estar rotineiro da vida estudantil, que pouco influencia a experiência que os estudantes têm de si. Quem precisa de ajuda, efetivamente, são os professores, e não os estudantes.

O refeitório da ESAV foi outro foco de expressão de insatisfações que apareceu em diversas edições de *O Bonde*. Os alunos reclamavam muito das condições do refeitório, principalmente em relação à qualidade da comida servida e da higiene do local. Um ponto importante levantado por Vaz (2014) sobre a forma de narrar o sofrimento é sobre a escolha de certas retóricas que teriam como finalidade despertar a solidariedade do espectador. Quais estratégias discursivas são escolhidas pelos sofredores ou seus representantes para provocar solidariedade? Em *O Bonde*, os redatores fazem uso de várias estratégias discursivas e até mesmo de diferentes gêneros textuais para despertar algum tipo de compaixão dos gestores responsáveis pelo refeitório. Dessa forma, a cada edição que passa, os autores ficam mais criativos nas formas de abordagem do assunto. Quadrinhos, anedotas sarcásticas, testamentos e cartas endereçadas diretamente ao diretor são apenas algumas das tentativas de dar atenção ao problema.

Em *O nosso refeitório* (edição n.º 54, 1947), o autor escreve uma carta endereçada ao diretor da ESAV listando diversos problemas encontrados no refeitório. Pratos sujos, verduras velhas, garçons indo embora mais cedo, pão velho e falta de revisão das verduras são apenas alguns dos problemas citados. O texto destaca com certa indignação o fato de

que, enquanto os alunos comiam “bifes duros e verduras velhas, o jantar servido a Miss Clarisse Rolfs⁸ era de ótima qualidade.

Um dos fatos reveladores é que essas queixas não eram vinculadas à saúde psíquica dos alunos que frequentavam o refeitório. Questões relacionadas à vergonha ocupavam as reivindicações associadas à saúde dos esavianos: “Isso aborrece, Senhor Diretor. (...) Não dissemos em casa que a verdura está escassa, porque isso seria incompreensível numa Escola de Agronomia, e porque não gostamos que os outros, que não os esavianos, critiquem a ESAV”. Ou seja, o aborrecimento se originava de uma questão de honra ou de orgulho ferido e não era codificado como um fator de risco para o adoecimento.

A honra e o orgulho sempre presentes na fala dos estudantes remete à ideia do “espírito esaviano” - citado constantemente no periódico - sendo este justamente o brio de se estudar numa instituição tão grande e competente como a ESAV era conhecida por ser. Era dever do aluno defender a honra da Escola e não deixar que nada colocasse sua excelência em risco. “Ser esaviano correspondia ao comprometimento com o cultivo de uma postura ‘correta’ em direção aos valores de progresso, cooperação, honestidade, higiene, fazer prático/científico e conduta disciplinar” (LOPES, 2014:254)

O texto intitulado *Testamento* (edição n.º 79, 1949) simula o testamento de um personagem que decidiu se matar, mas ao invés de recorrer aos venenos, escolheu apenas comer uma almôndega do refeitório, pois ela fazia o serviço. Esse é um exemplo de como os alunos começaram a partir para outros estilos de texto para chamar a atenção dos administradores da instituição. A morte e a doença, aqui, contudo, são apenas instrumentos para provocar o humor. A perspectiva do adoecimento mental, portanto, mantém-se afastada no imaginário que alimenta as críticas à administração da ESAV.

Algo semelhante ocorre em *Leia, Senhor Diretor* (edição n.º 105, 1951), onde encontramos outra carta endereçada ao diretor com súplicas pela melhora no refeitório. Mesmo reclamando das xícaras, que acumulavam bactérias, não se fala sobre saúde, mas apenas de indesejáveis consequências ao paladar. O autor afirmava que as bactérias causariam “má-impressão e incômodo à boca”. Nada parece ser um grande problema para os esavianos. Já no início do texto, o autor diz: “Não faremos reclamações. Apenas auxiliando D. Germana (...)”. E a partir daí, são só reclamações. O texto se encerra com um trecho do que, aparentemente, seria uma canção famosa entre os esavianos: “Na ESAV

⁸ Miss Clarisse Rolfs era filha de Peter Henry Rolfs, primeiro diretor e um dos fundadores da ESAV.

tudo é bom; tudo é bom. É bom camarada, é bom, camarada. É bom, é bom, é bom”. O que mostra o sentimento de orgulho de estar na Escola e pode soar até como um consolo e um sinal de esperança: as coisas vão melhorar, porque na ESAV tudo é bom. A presença do espírito esaviano e do orgulho, já citados acima, era tão forte que o mesmo texto que faz críticas ao refeitório da ESAV termina com uma música orgulhosa sobre a instituição.

De maneira análoga às reivindicações feitas sobre a didática falha dos professores, o caso do refeitório articula insatisfações sobre negligência administrativa, mas não traduz o desconforto causado por ela em uma dimensão psíquica ou existencial. Aqui, de novo, quem sofre são os alunos e quem os faz sofrer é a omissão administrativa, mas o que deve ser corrigido, “curado” é o modo de administração institucional. As formas de narrar o sofrimento também se assemelham com as reivindicações acerca dos professores e revelam o caráter externo do mal-estar. Uma vez que as narrativas não se centram na experiência pessoal dos estudantes, mas nas tentativas de dar visibilidade aos problemas da instituição.

Queixas sobre rotina e relação com o tempo

Em *O Bonde*, percebemos outro tema frequente, vindo das críticas dos estudantes em relação ao tempo, mais especificamente da quantidade de trabalho dentro daquela rotina pesada. Pelos relatos, sabemos que os estudantes tinham aulas práticas no campo, que exigiam não só conhecimento do ambiente, mas também força física uma vez que subiam morros e encostas para coletar espécies e fazer análises. “É o trabalho sério que levamos de segunda a sábado regulado, em horas certas, numa cadência quase marcial (...) de labor e esforço”, descreveu o aluno anônimo logo na primeira edição do jornal *O Bonde*, de 1945. E esses dizeres representavam a rotina dos estudantes esavianos, que além de repleta de compromissos era extremamente regrada, com horários pré-estabelecidos para as refeições e o descanso. Era previsto que os alunos acordassem às seis da manhã e já estivessem às seis e meia no refeitório, para que as sete começassem as primeiras aulas divididas em Zootecnia, Agronomia, Veterinária e Engenharia Rural.

Mesmo os tempos de descanso eram marcados na grade de horários. Porém, esses também eram ocupados com a rotina de estudos, o que causava descontentamento entre os discentes. No texto *A Linha do Sabão*, citado na seção anterior, questiona-se em que momento os alunos estudariam para a sabatina depois de um dia inteiro sem luz no *campus*, uma vez que os sessenta minutos depois do almoço era o único período ocioso e

que, mesmo se fossem noventa minutos, ainda assim não seria o suficiente. Como resposta do professor da matéria, ouviram: “Se ia faltar luz à noite, que estudassem durante o dia!”.

Mesmo aquilo que fugia ao controle dos alunos não era levado em consideração na hora de organizar os horários para as provas ou montar o cronograma diário. Se faltasse luz, que estudassem de dia, se os estudantes chegassem de madrugada fazendo barulho e atrapalhando o sono, que se resolvessem entre si. Esse episódio em específico, e que se repete em outros relatos no jornal estudantil, remete às considerações de Vaz (2014) sobre o modo como os valores culturais de uma certa população guiarão os critérios que privilegiam certos sofrimentos e sofredores. Sendo assim, no contexto da instituição, invocar o espírito esaviano e a ética para pedir colaboração daria respaldo para que o sofrimento fosse levado em consideração:

Muitos colegas – aqueles que voltam da cidade altas horas da noite falando alto, cantando e fazendo um barulhão de acordar o diabo, os que fazem bonde enquanto outros estudam (...) a liberdade é o direito de fazermos o que devemos (edição n.º 45, 1947).

Percebemos que o sofrimento em relação aos horários cotidianos era a regra e não a exceção, como contou A. Dias Lopes em *Confiteor*:

(...) São martirizados nessas horas solitárias pelas corriqueiras causas da nossa vida estudantil. E se lastimam, se maldizem e por peso quando entram no quarto, sobre a mesa, encontram aberto, pelas mãos dos ventos, ou o caderno de Solos, ou de Entomologia ou Estatística (edição n.º 6, 1945).

O mesmo é narrado em “PR ESAV” quando o escritor em questão simula uma locução de rádio dando dicas do que fazer quando o período de provas chegar.

(...) Falta-lhe média? Não sabe onde consegui-la? Vá até o Gustavo com 40 centavos apenas, consegui-la-à e bem açucarada. Para as notas baixas aconselhamos o poderoso tônico ‘Côlas’ à venda na Cooperativa. Tem notas em excesso? Causam-lhe aborrecimento? Entregue-as ao colega mais pronto, que muito lhe agradecerá. E aqui, prezados ouvintes, encerramos nossa irradiação de hoje, executando a célebre Ópera Trágica intitulada ‘Reprovação’ pela famosa orquestra ‘Estatística’ (edição n.º 12, 1945).

Bombardeando, autor desse texto, mostra que o insucesso, ou pelo menos a grande dificuldade, em se atingir boas notas nas provas ou conseguir acompanhar a matéria sem aborrecimento é um mal quase intrínseco à condição de estudante. A “orquestra Estatística” era conhecidamente trágica e regia a “ópera Reprovação”, uma está ligada à outra, e para esses mal-estares criaram-se mecanismos que burlavam não o desconforto,

mas a situação. Uma certa inevitabilidade do sofrimento (VAZ, 2014; VAZ; RONY, 2011) produzido pelas avaliações é aceita entre os estudantes, que procuram formas de ultrapassar as dificuldades das tarefas, sem transformar o desconforto causado pelas provas em motivos de adoecimento. Essas práticas eram cotidianas, não ganhavam dimensões emotivas, não eram internalizadas, nem alteravam o modo como os estudantes pensavam sobre si. Em um exemplo disso, mais de uma vez as colas são apontadas como uma forma de transpor essas dificuldades:

Quando, por exemplo, os alunos não conseguem tomar os devidos apontamentos, em aula (...) apodera-se-lhes uma espécie de pânico ou desdém pela matéria e, nas provas, instala-se um ‘zum-zum’ contínuo. (...) este, geralmente, põe a ‘personalidade’ de lado e se agarra à primeira tábua de salvação que encontra” (edição n.º 66, 1948).

A segunda reclamação recorrente dos estudantes dizia respeito ao tédio, mas especificamente ao tédio em sala de aula. Parece paradoxal pensar que na mesma instituição em que o trabalho e os estudos tomavam dos alunos pelo menos onze horas diárias incluindo os sábados, que eles pudessem reclamar de tédio. Mas, como mostra Svendsen (2005), se para nós, contemporaneamente, o trabalho parece mais uma fonte de tédio do que sua cura, naquela época podia-se entender o contrário. As aulas que não instigavam suficientemente, onde professores não traziam exemplos práticos e os levavam para o trabalho de campo, eram consideradas entediantes.

Em *O Homem e o Técnico* (edição n.º 45, 1947), os estudantes se despediam de um dos professores com certa afeição. O educador em questão estava indo trabalhar no Instituto Agrônomo e lá iria “destilar seus terpenos” – substância que dá amargor para as plantas – deixando os estudantes de suas substâncias mais tóxicas. O professor não era muito querido entre os alunos – não numa dimensão intersubjetiva, ele era um técnico que não explanava bem os conteúdos, esse era seu problema – justamente pelo modelo de aulas. A imagem de Morfeu, deus grego dos sonhos, é invocada para explicar as sensações. “(...) fica papagaiando uma porção de besteiras que só dá sono na gente ou então: bom, o assunto é ótimo mas esta história de explana-lo com voz uniforme é uma atração crescente para Morfeu”; e ainda completa: “Não há aluno que não tenha passado pela cadeira de Química Agrícola do qual não tenhamos ouvido sempre a mesma exclamação: Bah, só vou na aula daquele homem para dormir, que xaropada!”.

Coisas da Vida, do estudante Kaico, mostra, porém, que se o tédio e a falta de tempo incomodavam, o esforço e a disciplina eram naturalizados pelos estudantes, que

podiam até mesmo defendê-los. A ESAV passaria por uma mudança em que seriam aplicadas duas provas durante o ano todo, ao invés de serem realizadas avaliações mensais. "O Sistema do curso superior vai mudar!". Achei graça e ao mesmo tempo impossível. Para que mudar um sistema que dera ótimos resultados?" (edição n.º 46, 1947). Mesmo que o estudante relembra os momentos difíceis que teve no período, são dos desafios que ele tira a explicação para o sucesso da instituição. Não importava o cansaço, a correria e o aperto causados pela rotina pesada, descrita como lastimável e laboriosa. O espírito esaviano e os padrões de trabalho da época não encontravam fronteiras nos limites do corpo, em nome do sucesso e da excelência.

OBSEVAÇÕES FINAIS

O jornal *O Bonde* circulou por dezoito anos na instituição e, como vimos na amostra selecionada para este estudo, é um campo rico para análise histórica e social. Por conter relatos despretensiosos e que poucas vezes chegavam a ser críticas explícitas e de cunho de mobilização – grande parte dos textos vinham de experiências pessoais e pontuais –, foi possível enxergar o nível de afetação que os mal-estares causavam nos alunos. Percebemos principalmente um afastamento pessoal em relação às insatisfações: a incompetência pedagógica de um professor ou a falta de tempo suficiente para estudar no meio da rotina gerava mal-estar, mas não eram apresentados como fatores de adoecimento. Não ter horários para revisão era incômodo, não um desregulador emocional; ter pouca experiência e repertório didático tornava o professor desinteressante, mas, se o estudante sofria era, em grande parte, porque a aula era sofrível. As dinâmicas de sofrimento estudantil se davam e se encerravam no meio acadêmico, não se moviam para o campo pessoal e psicológico dos alunos.

A partir da análise de *O Bonde*, é possível perceber que a exposição pública dos sentimentos mudou muito qualitativamente e quantitativamente. Se não há menções ao adoecimento mental ou ao sofrimento psíquico, isso se deve, em parte, ao modo como a exposição de sofrimentos mentais era estigmatizada e vista como fraqueza – diferentemente do que vemos hoje, em que a exposição do mal-estar é vista de forma menos preconceituosa e, em alguns contextos, até estimulada, como uma estratégia de recuperação do adoecimento (ILLOUZ, 2003). Destaca-se, contudo, a ausência de referências no jornal estudantil às ideias de adoecimento mental e procura por ajuda

médica especializada, temas que dominam as narrativas de sofrimento estudantil nos dias atuais (MAZETTI, 2019, 2020).

A tendência de associar o sofrimento exclusivamente à saúde mental traz consigo uma nova relação em torno dos diagnósticos médicos, contribuindo para a sedimentação de uma lógica medicalizante, em que o foco de transformação muda: já não é a didática do professor, as práticas administrativas da instituição ou a rotina estudantil que precisam ser alteradas, mas o estudante que deve ser constantemente acompanhado para garantir que esteja sempre em plenas condições de realizar suas tarefas e superar as dificuldades. Segundo Vaz (2015), as mudanças no conceito moderno de doença abrem espaço para a “venda” de doenças e para que uma pessoa possa ter mais de um transtorno mental diagnosticado ao longo de sua vida. Nas palavras do autor: “Estamos diante de diferentes conceitos de doença, cada um arregimentando como referente distintos comportamentos humanos” (VAZ, 2015, p. 53).

Segundo o Manifesto do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade⁹, assinado por mais de 50 entidades, “a sociedade brasileira vive um processo crescente de medicalização de todas as esferas da vida”. Essa medicalização exime de responsabilidade grupos – família, trabalho, políticos – pelo sofrimento do indivíduo, uma vez que, se ele foi diagnosticado com algum tipo de transtorno, a culpa é da doença. Uma vez classificadas como “doentes”, as pessoas tornam-se “pacientes” e, conseqüentemente, “consumidoras” de tratamentos, terapias e medicamentos, que transformam o seu próprio corpo no alvo dos problemas que, na lógica medicalizante, deverão ser sanados individualmente.

Ainda de acordo com o manifesto, a medicalização tem abafado e diminuído situações desconfortáveis e as reduzido a diagnósticos individuais e não problemas sociais a serem resolvidos. Seguindo a lógica da medicalização unida ao mercado (que nunca fica de fora), a solução de problemas de saúde seriam, então, os tratamentos e remédios individualizados, que pouco alteram as estruturas sociais ou as práticas institucionais.

Em *O Bonde*, percebemos que havia pouco espaço para a descrição do mal-estar como doença. A sensibilidade contemporânea poderia sugerir que a ausência de referências à doença mental seria resultante dos estigmas presentes no período, ou então, apenas ao desconhecimento a respeito do que os estudantes estavam efetivamente sofrendo – faltava aos estudantes a consciência de que estavam doentes, poderia afirmar alguém alinhado à

⁹ Disponível em: <<http://medicalizacao.org.br/manifesto-do-forum-sobre-medicalizacao-da-educacao-e-da-sociedade/>> Acesso em: 24 Mai. 2021.

lógica terapêutica contemporânea (FUREDI, 2004; ILLOUZ, 2003). Longe do discurso da medicalização, contudo, os textos de *O Bonde* revelam que muitos mal-estares estudantis não exigem diagnósticos clínicos e tratamentos médicos, mas sim, mudanças concretas nas dinâmicas de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUREDI, Frank. **Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age**. London: Routledge, 2004.

ILLOUZ, Eva. **Oprah Winfrey and the glamour of misery**. An essay on popular culture. Nova Iorque: Columbia University Press, 2003.

LOPES, Eduardo. “Espírito esaviano e cotidiano discente na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais.” **Cadernos de História da Educação**, Belo Horizonte, p. 251-266, jan./jun.2014.

MAZETTI, Henrique. As políticas do sofrimento na universidade e os debates online sobre saúde mental. **Anais... XXVIII Encontro Anual da Compós**. Porto Alegre: PUC-RS; 2019.

MAZETTI, Henrique. As narrativas jornalísticas sobre o sofrimento estudantil e a medicalização da universidade. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, p. 619-632, jul./set.2020

PLAMPER, Jan. “Os discursos da antropologia”. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História das Emoções**, v.3. Do final do século XIX até hoje. Petrópolis: Vozes, 2020.

REDDY, William. **The Navigation of Feeling**. A framework for the history of emotions. Cambridge: Press Syndicate of The University of Cambridge, 2001.

REZENDE, Claudia; COELHO, Maria. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Entre o peso do corpo e o pesar da alma: notas para uma história das emoções tristes na época contemporânea. **História: Questões & Debates**, Curitiba, p. 99-113, jul./dez.2013.

SIBILIA, Paula; JORGE, Mariana. “O que é ser saudável? Entre publicidades modernas e contemporâneas”. **Galáxia**, São Paulo, no setembro/dezembro de 2016, pp. 32-48.

SVENDSEN, Lars. **A philosophy of boredom**. Londres: Reaktion Books, 2005.

VAZ, Paulo. Do normal ao consumidor: conceito de doença e medicamento na contemporaneidade. **Ágora**, Rio de Janeiro, p. 51-68, jan./jun.2015.

VAZ, Paulo; RONY, Gaelle. Políticas de sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, p. 212 -234, jan./abr.2011.

VAZ, Paulo. “A compaixão, moderna e atual”. In: FREIRE FILHO, João; COELHO, Maria das Graças (Org.). **Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 73-98.